

APRESENTAÇÃO

Caro Leitor,

Com grande satisfação, a **Revista Miscelânea** lança seu número 12, cujo tema central é o debate em torno do que se compreende por literatura nos séculos XVII e XVIII em Portugal e no Brasil. O tema remete aos estudos da linha de pesquisa “FONTES PRIMÁRIAS E HISTÓRIA LITERÁRIA”, cuja proposta é incrementar e revisar a crítica e a história literária, bem como estudar a produção, recepção e a circulação de obras, por meio da localização, organização, análise crítica e disponibilização de fontes primárias. Esta linha foi criada para substituir “ARQUIVOS DA MEMÓRIA: FONTES E PERIÓDICOS LITERÁRIOS E CULTURAIS”, que se propunha a refletir “sobre questões referentes à recepção literária em variados contextos, ao discurso da crítica e da historiografia literárias e à organização das fontes primárias [...]”, conforme consta do link <http://www.assis.unesp.br/#!/pos-graduacao/cursos/letras/linhas-de-pesquisa/>.

Dentro dessas duas perspectivas, trabalhos diversos estão contemplados tanto no bojo do grupo de pesquisa “A escrita no Brasil Colonial e suas relações”, quanto do grupo “Memória e Representação Literária”, ambos oriundos da sucessão das linhas de pesquisa acima, visando, por diversos caminhos de atuação do programa, fomentar o debate e promover a integração de pesquisadores, tanto orientadores quanto pós-graduandos. Um desses caminhos possíveis, que ora se efetiva, avulta nesta publicação da **Revista Miscelânea**.

O tema, na sua abrangência, também, permite dialogar, em termos de continuidade de discussão, com a proposta do número seguinte, que tratará da relação Literatura e História, outro campo de atuação e debate no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Ao lado dos textos de debate ligados ao programa, às linhas e aos grupos de pesquisa, as contribuições externas constituem a razão de ser da **Revista Miscelânea**, pois são responsáveis pela integração ao universo da discussão do problema. Assim, tanto a abertura para as contribuições interinstitucionais, quanto a apresentação em dois formatos, impresso e digital, fazem da revista um importante canal de divulgação da palavra dos pesquisadores e estudantes das Letras na FCL Assis.

Neste número, as discussões se abrem com as reflexões da pesquisadora Sara Augusto, da Universidade de Coimbra, Portugal, mais

especificamente, com seu artigo intitulado “RELEITURAS DO UFANISMO, DA SÁTIRA E DO MORALISMO NA LITERATURA BARROCA”. Neste texto, a autora mostra como se desenvolveu a literatura no barroco, em contato com o espaço e o contexto colonial brasileiro, bem como surgiram especificidades temáticas que lhe asseguraram certo vigor, o qual se manifesta na ampla produção literária. Para tanto, ela defende que “[...] preceitivas retóricas e códigos estilísticos próprios da estética barroca, a poesia, a ficção, a parenética, a tratadística moral, a literatura de viagens, encontraram vasta aplicação na paisagem natural e humana, e delas retiraram motivos e temas.” Para a autora, essa riqueza fica patente na literatura de caráter ufanista, satírico e moralista.

Raquel Bello Vazquez, da Universidade de Santiago de Compostela, em seu texto “DISTORÇÕES HISTÓRICAS E DIVULGAÇÃO DE RESULTADOS. DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NOS ESTUDOS DA CULTURA FOCADOS NO SÉCULO XVIII”, apresenta questões de fundo teórico-metodológicas. Para ela, nas últimas quatro décadas, os avanços nas ciências sociais e humanas, tanto de um ponto de vista teórico como técnico, têm o seu impacto na definição de objetos de estudo e de modos de abordagem dos problemas que o estudo do século XVIII apresenta. “No entanto, estas inovações continuam sem constituir a corrente principal dos estudos setecentistas, quando menos no âmbito lusófono.” Embora em outros contextos desse período, como o anglo saxão, tenham surgido técnicas e quadros teóricos que impactaram a pesquisa, o mesmo não ocorreu no âmbito dos estudos de língua portuguesa. No artigo, a autora, valendo-se de um foco mais reflexivo e propositivo, analisa alguns dos condicionantes que levaram a esta situação, para tanto, explora diferentes linhas de trabalho.

Jarbas Vargas Nascimento e Luiz Antônio Ferreira adentram a questão do século XVIII, a partir de um enfoque da historiografia linguística. Em seu trabalho, intitulado ESTUDOS DE DOCUMENTOS SOB A PERSPECTIVA LINGUÍSTICA, questionam e debatem sobre o grau de legibilidade oferecido por um texto escrito no início de nossa formação histórica, quando este é lido séculos depois por leitores não previstos no momento da escrita. Conforme os autores, “[...] o texto é uma dimensão especial em que o silêncio convive com o revelar e o esconder simultâneos.” Desse modo, “[...] ler é desvendar sentidos possíveis: a palavra é sempre uma resposta à palavra do outro, uma reação do que já foi dito anteriormente e, assim, contempla uma intenção de confirmar, modificar ou rejeitar o já posto.” A partir deste pressuposto, os autores apresentam, de forma sucinta, a

história da linguística, visando demonstrar que a análise de textos do Brasil Colonial é possível.

Alessandro José Beccari e Cláudia Valéria Penavel Binato apresentam, em seu artigo “OS ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL COLONIAL: UMA BREVE PROPOSTA PARA A REINTRODUÇÃO DE UM ASSUNTO”, perspectivas que servem como suporte para a abordagem da história dos estudos clássicos no Brasil Colonial. Justificam sua eleição, pela existência de poucos estudos sobre o tema no Brasil. Para tratar desse tema, abordam o ideal de humanitas nas academias do século XVIII, por meio de uma visada histórica. Partem do pressuposto de que a “[...] presença desse ideal nas academias é vista como consequência da formação clássica do povo brasileiro, tendo-se em conta que essa formação começa com a vinda dos jesuítas em 1549 e 1553.” Para a consecução de seus objetivos, os autores exploram ideias de Dante Tringali (1994), Fernando de Azevedo (1958), Antônio Cândido (1977), José Aderaldo Castello (1969), entre outros.

No artigo “ESTUDOS SOBRE O BRASIL COLONIAL: ARQUIVOS E FONTES”, Ivan Esperança Rocha reflete de modo crítico sobre a tecnologia da informação e do crescente interesse nos estudos sobre a América Latina, mais especificamente, sobre o Brasil. Justifica sua eleição, pois esses estudos “[...] foram enriquecidos e ampliados nas últimas décadas pelo acesso a arquivos públicos ou privados presentes principalmente em Portugal, mas em diferentes países da Europa e também dos Estados Unidos.” Para o historiador, há um conjunto de trabalhos, sistematizados e divulgados por meio eletrônico, referentes a pesquisas sobre o período colonial do Brasil. Além disso, existem fontes já conhecidas que têm origem na Europa e na América do Norte, cujo acesso é facilitado pela rede mundial, como Portugal, Itália e Institutos e Universidades Brasileiras. Também, há plataformas e coleções menos conhecidas, como a Europeia, que nem por isso deixam de representar importantes fontes para os estudos da área. No artigo, o autor explora fontes fundamentais de pesquisa, visando contribuir para o avanço do debate sobre o Brasil.

Pela perspectiva analítica e histórica, Andrea L. D. O. C. Rossi, em seu artigo “ESTUDOS CLÁSSICOS E HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA NO BRASIL A PARTIR DA INTERDISCIPLINARIDADE”, apresenta sua trajetória de pesquisa em Estudos Clássicos no Brasil. A autora, graduada em História, reflete sobre sua iniciação científica em Língua e Literatura Latina. Por meio desta reflexão, defende a tese de que as mudanças ocorridas na historiografia, no final do Século XX, facultaram, nos estudos históricos, a existência de

pesquisas interdisciplinares com bases teóricas e metodológicas calcadas em teorias literárias e linguísticas. Para tanto, retoma sua própria trajetória de pesquisa em teoria literária, desenvolvida no Mestrado, e voltada para a análise documental sobre a literatura latina. Também, faz remissão ao desenvolvimento de pesquisa no Doutorado sobre documentação de natureza filosófica a partir de teorias como Análise de Discurso e Semiótica Peirciana. Seu texto de caráter ensaístico é provocador e atraente, pois revela que uma egohistória pode ser delimitada pela trajetória acadêmica de uma pesquisadora de Estudos Clássicos no Brasil, mais especificamente, de uma historiadora que se dedicou aos estudos sobre a História de Roma.

André da Costa Lopes e Luís Fernando Campos D'Arcadia, em seu artigo "ASPECTOS BARROCOS DA SÁTIRA – DIÁLOGOS ENTRE GREGÓRIO DE MATOS E ANTÔNIO DA FONSECA SOARES", adentram a questão da poesia produzida no século XVII, discutindo as razões pelas quais a literatura produzida em Portugal e no Brasil, durante os séculos XVII e XVIII, foi marcada por uma série de convenções e lugares comuns. Mais especificamente, procuram compreender o porquê dessa produção ter sido mal vista pela História da Literatura, sendo estigmatizada como artificial, frívola e até excessivamente ornamental. Para os autores, a aparente superficialidade da composição barroca advém de um complexo conjunto de prescritivas e práticas de escrita, o qual dista das teorias e dos paradigmas usuais de análise literária. Resulta, aliás, "[...] das condições de produção do letrado seiscentista", as quais envolvem "[...] intercâmbio de elementos provenientes das Retóricas e Poéticas antigas, medievais e renascentistas, além de vários princípios referentes ao ambiente católico contra-reformista." No artigo, ambos apresentam uma análise comparativa entre um romance de Antônio da Fonseca Soares e uma composição do brasileiro Gregório de Matos. Para tanto, observam suas similaridades e idiosincrasias. Seu objetivo é desvendar a presença das "preceptivas seiscentistas que regulamentavam a sátira e o uso que ambos fizeram delas para a construção do poema."

Um diálogo entre o foco deste número e um passado recente nasce da abordagem de Fernanda Verdasca Botton, em seu texto "CALEM-SE BÁRBARAS: AS TRAIÇÕES DISCUTIDAS EM CALABAR, DE CHICO BUARQUE E RUY GUERRA", cujo objeto de estudo é o texto dramático Calabar, escrito no período ditatorial, entre 1972 e 1973. Justamente, em uma época de censura, Calabar trata, por meio da exploração tanto da história passada quanto da presente, da temática da traição. Na análise desse texto, a autora coteja o tempo da escrita e o tempo histórico da ação, observando

como Chico Buarque e Ruy Guerra criticam a traição e apresentam a figura do duplo. Para tanto, parte do pressuposto de que Calabar é “[...] uma releitura do passado que revela críticas ao presente dos autores [...]” A esse cotejo, acrescenta outra perspectiva de análise, sugerida pelo subtítulo da peça Calabar. Assim, concebe “[...] a traição como objeto de elogio ao “eu” Calabar e aos “duplos” que foram mutilados por uma sociedade governada pela lei do Cale-se!”

Outro diálogo, de igual perspectiva, reportando a um recorte temporal distinto que envolve as leituras de Camões e Edgar Allan Poe, aparece no artigo “LUIS VAZ DE CAMÕES E EDGAR ALLAN POE: (DES)PAIXÕES EM UM REINO À BEIRA-MAR”, de Juan Filipe Stacul e Maria Cristina Pimentel Campos. Em sua análise, os autores realizam uma leitura comparativa entre o poema “Annabel Lee”, de Poe, e alguns textos poéticos da lírica camonianiana. Seu objetivo é aproximar a escrita desses dois escritores, no que diz respeito à construção da lírica amorosa. Para tanto, Stacul e Campos partem do pressuposto de que é possível notar, na poesia de Poe e em vários poemas de Camões, “[...] a presença de um amor paradoxal e de um triste cântico de saudade à amada perdida.” Além disso, observam a presença de elementos constitutivos da estrutura poética na produção de ambos que revelam sua preocupação com a estrutura formal e a rítmica. Para a discussão acerca das relações intertextuais entre as obras aproximadas, os autores valem-se dos textos de Kristeva, Carvalhal, Coutinho e Nitrini.

O artigo “‘O PARNASO OBSEQUIOSO’ E O DISCURSO PERSUASIVO FAVORÁVEL À ERUDIÇÃO DA METRÓPOLE NA COLÔNIA”, de Marcela Verônica Silva, apresenta uma reflexão acerca de textos do Brasil colonial que revelam descontentamento com a administração pública da metrópole, pautada pela ação exploratória e pela incapacidade de sustentação da sociedade. Mais especificamente, objetiva-se, analisar, no artigo, o poema “O Parnaso Obsequioso” (1768), de Cláudio Manuel da Costa. Justifica-se essa análise, pois esse poema encerra, mesmo que de forma sutil, “[...] elementos que comprovam um descontentamento em relação à falta de recursos intelectuais na região de Minas Gerais em meados do século XVIII.” Para a autora, o posicionamento do poeta, bem como suas sugestões de melhoria para a capitania, provêm de seu perfil profissional ligado à política, de sua função de secretário de governo e de seu exercício tanto na advocacia, quanto nas letras.

Em assunto livre, Maurício Arruda Mendonça discute, em seu texto “‘QUASE MINISTRO’ – OPINIÃO PÚBLICA E ILUSÕES DA VAIDADE”, aspectos da peça teatral “Quase Ministro”, publicada em 1863,

por Machado de Assis. Para tanto, parte do pressuposto de que essa peça já antecipava algumas das características a serem desenvolvidas pelo autor em sua fase madura, após 1881. O artigo tem por objetivo “[...] compreender as particularidades dessa comédia aparentemente despreziosa, porém bastante provocativa, e descrever seu contexto analisando o panorama político do parlamentarismo do Segundo Reinado”. Mais especificamente, o autor, na análise dessa comédia machadiana, discute o conceito de “opinião pública” manifesto na peça, utilizando-se, para tanto, dos conceitos da teoria do cômico de Henri Bergson.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto e Derivaldo dos Santos retomam a questão do barroco em “NO MEMORIAL DO CONVENTO, O ESPAÇO ENQUANTO SUGESTÃO BARROCA”, contudo, em uma perspectiva de revisitação paródica da História, atualizada pela obra de José Saramago. Os autores partem do pressuposto de que Saramago, por contextualizar os acontecimentos da diegese entre os séculos XVII-XVIII e optar por um narrador que, em sua enunciação adota procedimentos linguísticos capazes de recuperar uma atmosfera barroca, possibilita ao leitor um efeito de sentido mais realista durante a leitura. O artigo tem por objetivo discutir a construção do espaço ficcional no romance de Saramago. Para tanto, compreende-o “[...] como sugestão visual e sensorial que, potencializado em direção à rede perceptiva do leitor, apela à matéria física, desnudando, por exemplo, a tessitura da Lisboa setecentista, com sua ostentação e grandeza.” Para eles, o objetivo de Saramago é reaproximar-se “[...] da cosmovisão barroca, entendendo-a como elemento atemporal e significativo na construção de um romance que se inscreve na teatralidade dos contrastes.”

Em “O APELO HISTÓRICO EM TITO ANDRÔNICO, DE SHAKESPEARE”, Sueli Meira Liebig, investiga, a partir dos princípios teóricos da Estética da Recepção, em que considera as historicidades do autor e do leitor, de que maneira William Shakespeare estabelece uma relação entre história e literatura, para retratar metaforicamente a queda do Império Romano e sua ressurreição na peça Tito Andrônico. Para tanto, a autora defende que o relacionamento entre literatura e história avulta na crítica literária, nos estudos culturais, na historiografia e na prática literária, pois a Literatura, enquanto instituição social viva, só pode ser entendida como um processo histórico, político, filosófico, semiótico, linguístico, individual e social. Desse modo, a Literatura transcende o texto e os dois outros ângulos do tripé: o autor e o leitor, englobando, em sua dinâmica discursiva, todas essas instâncias, em um jogo dialético.

Finalmente, Ricardo Magalhães Bulhões e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, debatem sobre a formação da literatura brasileira em “ENTRE A MATRIZ PORTUGUESA E A LITERATURA NACIONAL: A CONCEPÇÃO DE TEXTO LITERÁRIO PARA JOÃO RIBEIRO”. Para tanto, apresentam “[...] uma reflexão acerca de um sistema de produção e comercialização de textos escolares destinados ao jovem leitor, no início do século XX, considerando que, além do seu público-alvo, sua edição também se dirigia aos mediadores.” Os autores partem do pressuposto de que essa produção, destinada à escola, tanto instituiu os modos e os tempos de ler, quanto instaurava critérios de legitimidade do que se considerava como literário. Como objeto de estudo, Ferreira e Bulhões elege a antologia escolar **Autores Contemporâneos** (1931), do crítico, filólogo e escritor João Ribeiro. Na análise dessa obra, procuram detectar o processo analítico desse crítico, suas observações teóricas, seus conceitos, bem como os impasses que aponta na história literária e na crítica do início do século XX.

Como se observa, o objeto proposto é atual e resulta relevante nas discussões apresentadas. Pelo exposto, pode-se deduzir que sempre estará em pauta o diálogo (por tradição, por alusão, por citação ou referência?) entre elementos de formação e transformação da expressão lusófona, dialogando com a proposta da linha de pesquisa em que esse número da **Miscelânea** se insere.

Desejamos a todos, pois, proveitosa leitura!

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
Editor responsável pelo número

Camila Soares López e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira
Comissão Editorial